

Meu pé de Laranja Lima

J. A.

Zezé era pobre, um menino loiro cuja principal distração eram suas travessuras. Colheu por toda a vizinhança como «aquela peste do menino do seu Paulo», passou por maus pedaços. Criou um mundo de fantasias para compensar suas pequenas frustrações (como os animais em que o menino deus não vinha). Luciano, o morcego; Xururuca, o pé de laranja lima, amigo e confidente; os astros do cinema que viviam ao seu lado com seus cavalos, esteiras de xerife e botinas de esporas de prata. A morte de Portugal, o grande amigo de Zezé, que lhe deu qualquer coisa dentro dele. «De pedação em pedação nascera a terra e a amizade entre os dois. Aos seis anos vê-se privado do amigo, aos seis anos perde seu mundo de fantasia e transforma-se num menino solitário.

ROSINHA, MINHA CA-NOVA traz à tona o mundo da terra até então recondi- to em José Mauro de Vasconcelos, Zezé Orocó, aparentemente louco, muda mais que um Zezé adulto, um homem simples que perdeu o filho, o objeto de sua terra — comuni- ga com a natureza, vê o espí- rito das coisas. Zezé, muito criança, refugia-se do mundo dos homens. Zezé Orocó também é desceito do ser

humano, o ambiente em que vive recebe dele todo o seu amor pela vida. Quando colo- cado no hospício para ser curado de sua «loucura», Zezé Orocó é acometido da mesma solidão em que ficou Zezé quando da morte de Portugal. Entre as estrelas, as árvores e o rio Araguaia; Zezé Orocó não está sózinho. Sua companheira Rosinha tem a perso- nalidade do companheiro ideal, do grande amigo (do Por- tugal).

É o mundo fantástico que José Mauro criou quando cria- va, retorna com Nininha, Calamandrei e Rosinha.

Zezé Orocó inocente, ingênuo, o homem em contato com a natureza. Agui a inocência do menino Zezé que, sem o menor constrangimento usa de um vocabulário condena- do pelos «graves» e tristes canções as mais sensuais.

Zezé desluz-se dos adul- tos que não o compreendem. O Portugal, o amigo pleno, es- tava morto.

Zezé Orocó não se adapta à vida da cidade — os homens são incômodos para ele. Quan- do volta para o Araguaia, ale- gra-se ao reencontrar em seu ambiente.

— Graças a Deus que sou filho da mãe. Obrigada, Chi- ca».

GUARATINGUETÁ NO FESTIVAL DE TEATRO

severino a. m. barbosa

O Grupo de Teatro Amador GRUTA, da cidade de Gua- ringuetá, alcançou grande sucesso, sábado passado, em sua apresentação no Festival de Teatro que o Departamen- to Cultural da UCA está promovendo.

Excelente conteúdo, ótima representação, espetacular parte musical, perfeita parte técnica, e foi a que mais suce- so marcou, a de maior público, maior comunicabilidade e agrado aos presentes.

A peça apresentou-nos, por meio de diálogos com a humanidade, uma nova visão de Cristo, desmistificado, um Cristo homem e de braços dados a todos seus irmãos. Um Cristo irmão, amante na luta por justiça e fraternidade, pe- la humanização do mundo. Não uma divindade instigável, mas um grande espírito, um grande condutor de homens, pa- ra o sentido filosófico e humano do Cristianismo, do ver- dadeiro Cristianismo.

Ao final, as palmas entusiasticamente ressoaram na Congregação Mariana, que vivem um de seus grandes dias dos últimos tempos.

O público, de pé, saudou vibrantemente o grupo e a- certou-se nova apresentação no Clube Literário.

Fêz-se notória a presença de uma verdadeira caravana de Guará, no louvável ato de prestar seu fervoroso apoio aos jovens, que deram realmente nova face ao Festival.

O GRUTA apresentou-se assim:

peça - Trilogia, da obra de Michel Quolst, adaptada por Ivan Brandão - direção - Célia Regina Nunes - direção musical - Tinho - direção técnica - Ligia Porto - atores na arena - Tereza Lourenço, Glaura Souza, Célia Nu- nes, Cristina Vieira, Eliana Moitico, Oswaldo Luis, ci- ro - Elizabete Monteiro, Eliana Rangel, Marize Cunha, Cristina Moia, Sônia Del Vigna, Luis Antônio Ottoni, Maria Amália Aranha, Rosane Miranda, Rosely.

técnicos - Ligia Porto, Gaspar Canopé

Parabéns Guaratinguetá! Parabéns GRUTA!

ENGRAÇADO

V. T.

Não sei se estou alegre ou triste.
Se alegre acho que devia estar triste
Se estou triste devia estar alegre.
Se penso — aborreço-me
Se não penso — devia pensar.
Enfim, pensar... pensar.
Pensar em que,
se não tenho o que pensar

Parábola

O Lirio do Pântano e as Flores do Canteiro de Deus

Ivo Severino

Numa manhã de setembro, quando o ipê se cobria de flores frêgias e amarelas; quan- do as hortênsias e miosótis dançavam ao sabor de uma brisa cálida, espargindo seus doces aromas pelas campinas estreladas de margaridas e farfalhar de pequenas pás- saras, — aconteceu algo de es- tranho.

Do outro lado, contrastando com a beleza perfumada dos campos, havia um feio e ne- gro pântano, cheio de árvores secas e retorcidas pelo tempo.

Animais esquecidos ronda- vam suas águas barrentas e pútridas.

Mas nessa manhã o belo a- contecimento no pântano.

Quando os primeiros raios de sol iluminaram suas águas escuras, no meio da folhagem verde escura apareceu uma florzinha de pétalas brancas e frágeis — o lírio do pântano.

Em sua inocência casta, ela sorria quando um asqueroso sapo tragava uma mosca ou quando o cruel crocodilo di- lacera uma vítima.

Um dia porém, cansada de ver tanta tragédia, ela vol- tou-se para o verde campo que circundava seu lar. Lá ravi- lhou-se com a beleza que nele a natureza implantara.

Viu ela então o que era o bem e o mal, vendo que es- ta plantada no meio do últi- mo, resolveu desprender-se de sua haste e prender-se a uma roseira perfumada ou a um cravo colorido. De lá, pensa- va ela, poderia só enxergar o bem e a bondade nas cri- sturas que imaginava existir nas colinas, que Deus, seu criador, havia criado.

Levada por este ideal, a branca florzinha resistindo à força da natureza, despren- deuse de sua escura haste jogando-se nas águas pútri- das e barrentas do pântano.

Ao procurar atingir as mar- gens do pântano, a inocente criatura não notou que suas brancas pétalas se haviam tingido de barro e o seu per- fume torrado odor.

Alheia à sua exterior apa- rência, seguiu pelos campos, esquecida de encontrar o amor e a bondade nas flores do Senhor.

Encontrando um colorido craveiro tratou logo de a- no- jar-se entre seus ramos per- fumados. Mas o craveiro, ao notar a presença daquele ser sujo e odoroso, não se preo- cupou de olhá-la em seu in- terior, tratou logo de expul- sá-la dizendo:

— Sai de meus ramos per- fumados, flor do mal e do pe- cado, tu me manchas as pu- ras flores!

Jogada ao solo a pobre florzinha sofreu e chorou a sua primeira desilusão.

Depois de longo tempo, es- quecida na terra fôia dos canteiros, resolveu a pobre criatura a tornar em sua bus- ca pelo amor e compreendi- do.

Sem ser vista colocou-se entre as ramagens perfuma- das de um pé de lírio do cam- po. Este ao notar sua pre- sença logo a atirou ao chão dizendo:

— Sai de mim, vil criatura! Não vêes que me ofusca tua

oír suja? Eu, que o Senhor disse me trair com mais li- zeza que a Salomé?

Mas uma vez a pobre cris- turazinha chorou copiosamen- te o desprezo que as outras flores lhe davam, não enten- dendo o porque daquilo tudo...

Viveu ela muito tempo mis- turada no meio das folhas se- cas e sem vida do canteiro, à espera de migalhas que por- ventura caíam das ramagens elegantes das belas flores.

Estando um dia a consen- tinar sua triste sina, escutou dizer que não muito longe dali havia um canteiro onde se cultivavam «flores para o Senhor».

Refletiu e chegou a essa decisão.

— Eu vou até lá e peço a essas flores bondosas que me aceitem entre elas, o que por certo o farão, pois dizem ser flores caridosas que um jar- dinheiro cultivava e ofereceu a um senhor bondoso, que as colocou em um jarro do seu reino no céu. Lá encontrarei a bondade e o amor que tanto procuro entre as flores da Terra, e talvez um dia, quan- do o Senhor passar para colher estas flores, também me leve para enfeitar o seu reino no céu.

Para lá partiu a triste flor- zinha com a alma cheia de esperança de encontrar o a- mor e a bondade.

Lá chegando, deslumbrou-se com o que viu. Flores de to- dos os matizes e formas en- galanavam o imenso «Jardim do Senhor».

De info'e percorreu pelos floridos caminhos, alheia à sua triste aparência.

Todos a cumprimentavam, porém ao verem sua cor ex- terior distarçavam e se pu- nham a conversar entre si, distarçando um «disfarçado preconceito». Elas eram pu- ras demais para darem aten- ção a uma florzinha qualquer, ainda mais aquela, ela vinha do pântano.

A pobrezinha já começava a chorar e suas lágrimas ca- ldo em suas pétalas, limpa- ram-nas, deixando aparecer o seu interior branco e perfu- mado.

— «Que também no lado do pântano nasceram flores brancas, que poderão ornar o seu Reino no Céu».

Um copo-de-leite ao vá-la- tão triste, condeou-se e che- gou perto dela.

— Por que choras pequena flor? Que mal te fez o mundo?

— Ah! meu amigo, as foras que o mundo germinou só males me causaram. Vivi até hoje a bater de porta em por- ta a mendigar o amor e a bondade, mas ao invés de as receber só vi portas para mim se fecharem, só ouvi- mos a me dizer VAI! VAI! VAI! daqui alma pecadora, vai pa- ra onde é teu lugar, não te- quermos a manchar nossa pureza!

— Não chores branca flor- zinha, eu sei que tu também tens a beleza e o amor que o Senhor tanto admira. Vem e fica comigo, eu te darei o amor e a bondade que tan- to suplicas e que lhe ne- garão!

Viveu assim enlôvo de felici- dade a pobre criatura, cha- gando mesmo a esquecer os males que havia sofrido.

Um dia porém, o jardineiro que cuidava das «flores do Senhor» ao passar pelo can- teiro onde se encontravam os dois, indignou-se com a pre- sença daquela criatura, exte- riamente suja, no meio da brancura de suas flores ra- ras.

Apanhando um bastão des- dedeçou a pobrezinha atira- do-a pelo vasto do desespe- ro e da angústia.

O copo-de-leite indignado viu as partes despedaçadas da infeliz serem levadas pelo impetuoso vento. E do meio do turbilhão de ventos ouvia a voz fraca e tãne da flor- zinha que dizia:

— Vês meu bom amigo, nem mesmo entre as «flores do Senhor» eu pude encontrar guarida, o jardineiro despeda- çou a minha última ilusão de que no mundo ainda existisse bondade e amor. Arrancando-me de sua presença, arran- cou a minha esperança de que quando o Senhor viesse de te colher, colhesse a mim também.

— Adeus meu amigo e me- faças um último favor:

— Quando o «Senhor» de amor e bondade passar para as «flores do Senhor», peça- -lhe para passar também pe- lo pântano, pois lá, entre lá- grimas e sofrimento o espera uma florzinha branca e cam- balda, mas que o ama acima de tudo, pois meu amigo di- -za-lhe:

— «Que também no lado do pântano nasceram flores brancas, que poderão ornar o seu Reino no Céu».

MUDANÇA

V. T.

Busco comodidade
Para o embalo da vida.
Nada me alegra, nada me entristece.
Tudo está bom, nada me alige.
Amanhece. Trabalho. Anotece.
Não estudo. Estudo. Talvez
Bem, não importa, o talvez diz tudo.
Falam bem. Chamam-me amiga.
Não sei o que penso - verdade - mentira?
Falam mal - que posso fazer?
Chorar - não resolve.
Defender seria acusar. Deixo pensar.
Amanhã? Amanhã.